

Álvaro Magalhães

# O ESTRANHAO 6

VIAGEM NO TEMPO  
EM CUECAS

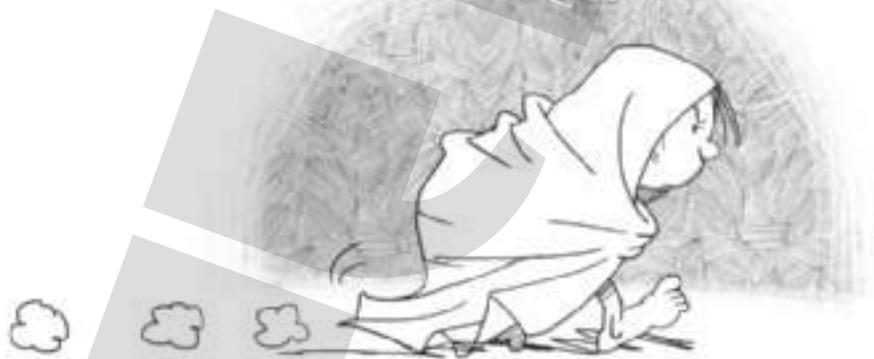
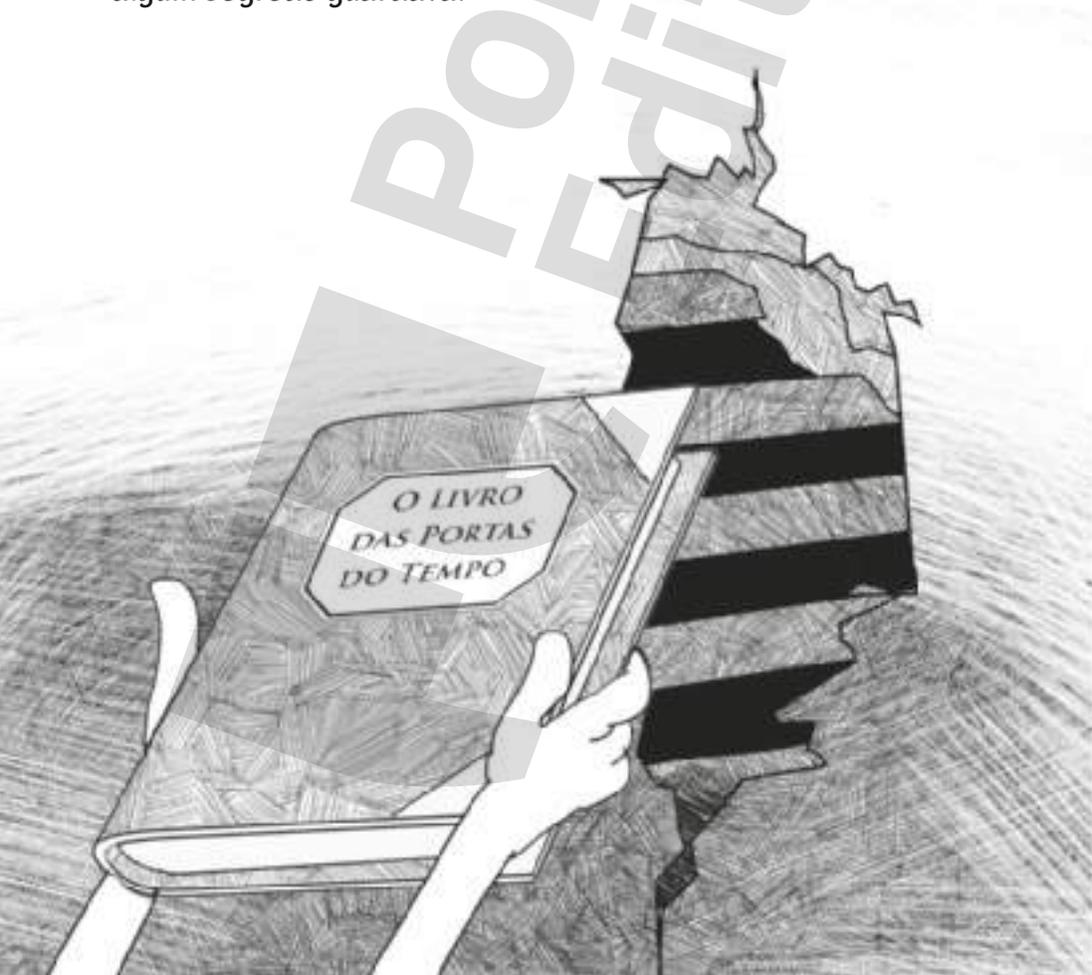


Ilustração de Carlos J. Campos

# Viagem no tempo em cuecas – 1

E finalmente chegou o dia 15 de abril de 2017. Ao tempo que eu e o Alex esperávamos por esse dia. Mais exatamente, desde o dia 12 de agosto de 2016, o dia em descobrimos, em casa dos avós dele, um livro muito antigo que estava escondido numa falha da parede, na cave. O Livro das Portas do Tempo. Se estava tão bem escondido, algum segredo guardava.



Tinha sido escrito por um matemático que trabalhava numa agência secreta que usava as viagens no tempo para fins políticos; e não eram os únicos que conheciam o segredo de viajar no tempo.

- De quem era este livro? - perguntei.

- Não sei.

- E nunca viste o teu avô ou a tua avó, com ar de quem viajou no tempo?



O Alex fartou-se de pensar.

Por fim, disse:

- Não me parece. O mais longe que eles foram foi ao Algarve.

- Então, é um segredo só nosso. Jura que não contas a ninguém.

Jurámos os dois. Estava formada a

“IRMANDADE SECRETA  
DO LIVRO  
DAS PORTAS DO TEMPO”.



Segundo o livro, para viajar no tempo bastava conhecer as nesgas e os rasgões que se abriam naturalmente em certas alturas temporais e que eram autênticas portas para o passado. Perceberam? Em qualquer lado se podia passar e viajar, desde que se conhecessem as alturas em que as portas se abriam, temporariamente.

Como não havia máquina também não se podia programar a viagem, passava-se a porta e logo se via aonde se tinha ido parar.

Era arriscado, mas era uma viagem no tempo. Quem pode resistir a isso? Eu, não. Desde pequeno que sou obcecado por isso. Estraguei um relógio de parede e um despertador para fazer a minha primeira máquina do tempo. Tinha oito anos. Sabia que tinha de treinar desde pequeno para, um dia, finalmente, conseguir viajar no tempo. Só esperava que, nessa altura, não estivesse já demasiado velho para viajar.



Voltando à história. Eu e o Alex voltámos a esconder o livro. O problema foi ter de esperar um ano. Mas esse ano passou quase sem darmos por nada, tão ocupados que estávamos a viver; e tínhamos deixado passar a data se o Alex não a tivesse gravado com um canivete na mesinha de cabeceira dele.



Por acaso, calhou a um sábado. Não havia aulas, os meus pais estavam a trabalhar e a minha irmã tinha saído com o namorado. Mesmo assim, fomos os dois para o anexo ao fundo do quintal e fechámo-nos lá dentro.

Primeiro, desenhámos no chão, com giz, um círculo dentro de um triângulo, como vimos no livro, e ficámos lá dentro. Às 16h53, altura em que se abria a porta, fizemos o ritual e aguardámos; mas não aconteceu nada.



- Isto é uma aldrabice - disse o Alex. - E com este calor, custa estar aqui. Talvez com uma almofada, está ali uma...

Ele foi buscar a almofada e encontrou mais qualquer coisa.



Não conhecíamos aquela marca de refrigerantes, “Shot”.

– Olha, é bom. Parece limonada – disse o Alex, a beber um gole.

Provei e também gostei. Tanto que fiquei com aquela lata e ele foi buscar outra; e também uma almofada para mim.

Bem instalados, a beber a tal limonada, esperámos melhor pela tal passagem no tempo.

- Isto é mesmo bom - disse o Alex. - Achas que há problema se beber mais uma lata?

- Não sei, pá. Nem sabia que isso estava aí - respondi. - Mas é mesmo boa, realmente. Traz outra para mim.

Animados, isso estávamos. Cada vez mais. Pusemo-nos a contar anedotas e ríamos, ríamos. Aquela limonada dava para isso. Achávamos graça a tudo.



Ao fim de meia hora, nada tinha acontecido. Continuávamos naquilo.

- Mais uma lata? - perguntou o Alex.

- Já agora - disse eu.

Ao abrir a terceira lata, descuidei-me e entornei-a em cima das minhas calças. Ficaram todas molhadas. Mais um motivo para rir. Tive de tirar as calças e pô-las a secar no arame do quintal. Fiquei em cuecas, mas não havia problema. Estava calor como o diabo, mais ainda no anexo. Tanto que, lá dentro, tirei também a *T-shirt* e recostei-me na almofada, à espera.

Era a hora em que o sol batia ali de frente. Fechei os olhos e comecei a sentir coisas cheias de calor. E foi então que as coisas aconteceram. Vi-me a saltar por uma porta do tempo, ali mesmo, no meu quintal.



- Eu não tenho coragem - disse o Alex, ao meu lado.

- E se funciona mesmo?

Pois, havia essa possibilidade. Mas eu estava cheio de uma inesperada coragem que tinha vindo do nada (ou então era da bebida com sabor a limonada).

- Eu vou - disse então, a recordar as instruções, que tinha decorado:

1. Não entres na porta do tempo com o pé direito à frente ou com os braços cruzados.

2. Viaja com pouca roupa, pois vás para onde fores, é a roupa que mais te distingue dos outros.

3. Não leves relógios, que ficam malucos e tornam-se inúteis, nem outros adereços que denunciem o tempo de onde vens. O viajante no tempo deve passar despercebido, observar e não interferir em nada.



Dei um passo, passei por uma porta no ar e quando dei por mim estava numa floresta de vegetação cerrada, uma selva. Só queria encontrar um calendário em qualquer lado para ver em que ano estava. Mas não havia sinais de civilização, de uma casa, de uma pessoa, de um animal conhecido. Não era um sítio aprazível, aquele. Quis regressar antes de ver aparecer algum animal perigoso (um dinossauro, por exemplo), mas tinha de esperar o mínimo de trinta minutos para o poder fazer. Por isso, fiz uma cruz no tronco da árvore mais próxima para me lembrar do sítio onde estava a porta e fiquei por ali, à espera que o tempo passasse.



O pior era estar  
em cuecas.



Devia ter pensado nisso quando resolvi viajar. Mas aquela limonada... Por outro lado, tinha cumprido a recomendação que dizia para viajar com pouca roupa. Menos, era impossível.

Seria um sonho, aquilo? Já não era a primeira vez que sonhava que estava em cuecas na rua ou na escola, ou no autocarro, e morria de vergonha. Queria esconder-me, fugir e não conseguia e toda a gente me via. Nessas alturas, fazia um esforço e lá acabava por acordar.

Desta vez, não consegui.

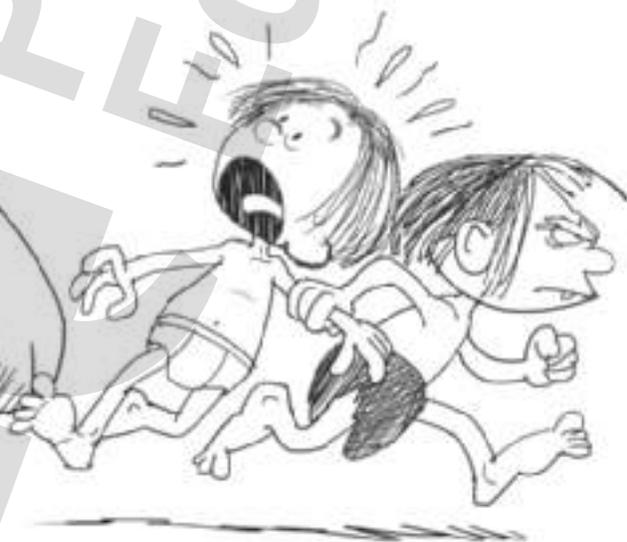
O mais certo, portanto, era ter viajado no tempo.

Era tudo tão real.



Senti a terra a tremer debaixo dos meus pés. Corri para a porta, disposto a sair dali antes do tempo. Mas entre mim e a porta havia agora um mamute. Nunca pensei que fosse tão grande. Podia esmagar-me, como nós esmagamos uma formiga. E onde estava eu, afinal? Na Pré-História? Lindo serviço!

Um rapaz da minha idade, mas com ar pré-histórico, saiu do nada e puxou-me por um braço.



Mais adiante, trepou a uma árvore com a agilidade de um macaco. Já eu, não tinha chegado ao terceiro galho sem a ajuda dele; e o que ele se ria da minha falta de jeito.

O rapaz falava por gestos e grunhidos. Quando eu lhe dizia algo como “*Do you speak english?*” ou “*Vim do futuro, de 2017*”, ele ficava a olhar para mim, muito espantado, a pensar onde eu teria aprendido a grunhir assim. Por isso, passei a grunhir também e a fazer uns gestos e lá nos entendemos. Mas não consegui explicar-lhe com grunhidos que queria encontrar a porta para regressar ao meu tempo.

Quando passou o perigo, descemos da árvore e ele levou-me para a caverna dele, pois já escurecera e ficara frio. E eu em cuecas; e o rapaz a olhar para elas, muito curioso. Acho que queria saber de que pele de animal eram feitas. Como eu não me expliquei, ele contou-me, com gestos e grunhidos, como caçou o bisonte de que era feita a tanga dele.



Coitados. Não eram tempos fáceis, aqueles. Ter de fazer as próprias cuecas, e o resto.



Já não era de borla, a roupa, naquele tempo. Custava a caçar. Às vezes, a própria vida. Sim, podia-se pagar com a vida por umas cuecas de pele que não se chegavam a usar.



Na caverna, vivia o bando do rapaz, tudo gente de tanga de pele de mamute ou coisa assim. Não tiravam os olhos das minhas cuecas.



“Onde caçaste esse animal?”, perguntavam com grunhidos, a apontar para elas.

Juntámo-nos à volta da fogueira maior para comer um animal assado qualquer parecido com um porco. Mas as refeições não são tranquilas na Pré-História.

Estamos a jantar, muito contentes, e nem pensamos que podemos ser o jantar de um animal maior do que nós.

Ouviu-se um grunhido assustador.

- Um tigre! - gritei.



E não era um tigre qualquer, era o dentes-de-sabre, ou seja, um tigre ainda mais bem armado. Fugiram todos. Havia uma saída secreta, segui-os e também escapei ao tigre.

E depois? Ao fim de muito tempo a grunhir e a desenhar na terra com um pau afiado, lá consegui fazer-me entender e o rapaz levou-me ao sítio onde me tinha encontrado. Lá estava a árvore com a cruz no tronco, que me dizia onde estava a porta do tempo. Ufa! Nem tive tempo de me despedir do rapaz, ou de agradecer, pois lancei-me para a porta quando ouvi um rugido tenebroso mesmo atrás de mim.

